

Moda e corporeidade no espaço universitário: criando diálogos com o “corpo discente” por meio do design participativo

Naissa Silva Costa (UFMA, Brasil)

naissa.silva@discente.ufma.br

<https://orcid.org/0009-0003-6093-4833>

Raquel Noronha (UFMA, Brasil)

raquel.noronha@ufma.br

<https://orcid.org/0000-0002-3753-5143>

Moda e corporeidade no espaço universitário: criando diálogos com o “corpo discente” por meio do design participativo

Resumo: A relação entre corporeidade e moda afeta os indivíduos de maneiras distintas ao ocuparem diferentes espaços. Estudantes que vivenciam diferentes posicionalidades são afetados por relações de poder e visões hegemônicas que entrecruzam o ambiente universitário, incluindo as relações de gênero. A pesquisa aciona o design participativo para compreender as relações entre moda e corporeidade em uma turma do curso de graduação em Design da UFMA. Com abordagem qualitativa e exploratória, utilizou-se bonecas de papel como dispositivos de conversação (Anastassakis e Szaniecki, 2016), para analisar as escolhas de vestuário do corpo estudantil e suas implicações sociais, sob a perspectiva de gênero. Como resultado foram obtidos dados que demonstram como as relações sociais e o contexto no qual cada estudante está inserido são refletidos nas motivações de suas escolhas, confirmando assim a potencialidade do design participativo para promover o diálogo entre perspectivas plurais.

Palavras-chave: Moda, Corporeidade, Design.

Fashion and corporeality in the university space: creating dialogues with the “student body” by means of participatory design

Abstract: *The relationship between corporeality and fashion affects individuals differently as they occupy different spaces. Students who experience different positionalities are affected by power relations that intersect the university environment, including gender relations. Starting from this point, the research uses participatory design to understand the relationships between fashion and corporeality in a class on the undergraduate Design course at UFMA. With a qualitative and exploratory approach, paper dolls were used as conversation devices (Anastassakis and Szaniecki, 2016) to analyse student’s clothing choices and their social implications, from a gender perspective. As a result, data demonstrates how social relations and the context in which students are inserted are reflected in the motivations for their choices, thus confirming the potential of participatory design to promote dialogue between plural perspectives.*

Keywords: *Fashion, Corporeality, Design.*

1. Introdução

Durante muito tempo, a educação superior excluiu diferentes grupos e parcelas populacionais do Brasil, reproduzindo e reforçando a desigualdade fundante da sociedade brasileira, sobretudo para mulheres, comunidade LGBTQIA+, pessoas não brancas e de classe social baixa (Nascimento, 2021).

Segundo Melo (2018), as políticas públicas contribuíram para o aumento do acesso ao ensino superior, mas o ambiente acadêmico ainda reflete desigualdades sociais, com disputas, hierarquias e violências. Diversos grupos enfrentam dificuldades nesses espaços, além de obstáculos à sua permanência. Assim, é crucial entender a realidade do corpo discente e suas estratégias de resistência e emancipação para ocupar a universidade.

O design participativo pode desempenhar um papel crucial na implementação de políticas institucionais de gênero, ao promover um espaço colaborativo e a inclusão ativa dos indivíduos afetados. Escobar (2020 p. 7) afirma que “Participar é ser, mas ser de outra maneira.”, e nos convida a adotar uma noção de participação “outra”¹, para ir além das formas convencionais e superficiais de participação. Como proposto pelo autor, se buscamos uma participação “outra”, é necessário pensar a partir de uma “epistemologia outra” ou outras epistemologias, que vão além da visão entre sujeito-pesquisador e objeto-comunidade.

Desempenhando um papel crucial durante atividades de design, os chamados dispositivos de conversação, conforme Anastassakis e Szaniecki (2016), funcionam como realidades sócio materiais provocadoras, que estimulam o diálogo e a reflexão crítica. Elaborados para gerar discussão e experimentação, esses dispositivos permitem aos participantes explorar novas possibilidades e compartilhar ideias em um espaço aberto e plural.

Com o intuito de abrir o diálogo com estudantes que vivenciam a universidade a partir de outras posicionalidades², inicia-se o projeto Gender Hubs (2024-2026), contextualizado na trajetória do grupo de pesquisas NIDA, da

- 1 Em sua palestra intitulada “Contra o terricídio”, Arturo Escobar (2020) afirma que busca formas de trabalhar essa noção de participação ‘outra’, de ir além das formas domesticadas e superficiais de participação, nos lemas do desenvolvimento do design. Tal busca acontece, principalmente, pela situacionalidade do design, associando os processos de design aos debates latino americanos, à noção de comunalidade, associações com seres mais-que-humano, o que o autor denomina interdependência radical ou relacionalidade.
- 2 Linda Alcoff (2006) discute como a experiência e a visão de mundo de um indivíduo são moldadas por sua posição social, histórica e cultural. Essa posicionalidade implica que nossas percepções, crenças e interações são influenciadas por fatores como raça, classe, gênero e sexualidade. Para a autora, ao reconhecermos nossa posicionalidade, podemos identificar as perspectivas presentes em nossos discursos.

Universidade Federal do Maranhão - UFMA, a partir da aproximação de pesquisas entre design e gênero (Medeiros et al., 2024).

Dessa forma, a pesquisa se faz relevante para promover a compreensão sobre as complexas dinâmicas das relações de poder que existem no ambiente universitário e como elas afetam o corpo estudantil. Ao observar suas escolhas de vestuário, podemos identificar tanto as tensões relacionadas às questões de gênero, quanto às práticas emancipatórias praticadas nesse espaço.

2. Gender Hubs e a prototipação de políticas institucionais de gênero.

O projeto *Gender Hubs*, presente em cinco universidades latino-americanas, incluindo a Universidade Federal do Maranhão, apoiado pelo Edital Universal do CNPq (2024-2026), tem como principal objetivo a criação de políticas institucionais de igualdade de gênero em espaços acadêmicos. Utilizando a metodologia de pesquisa-ação, o projeto envolve estudantes, docentes e profissionais das instituições participantes, permitindo que as soluções sejam moldadas por suas experiências e demandas locais (Medeiros et al., 2024).

Escobar (2016) discute a invisibilização das diferenças entre grupos marginalizados e privilegiados, que são muitas vezes normalizadas em discursos distantes de uma realidade universal. O autor propõe reconhecer as diferenças biológicas, epistêmicas, culturais e ontológicas, ou o “pluriverso”, defendendo a “igualdade radical de todos os mundos e seres e a não hierarquia entre eles” (Escobar, 2016, p. 18). Dessa forma, a diversidade de perspectivas sobre uma situação enriquece a prática colaborativa, oferecendo experiências complexas e situadas.

Diretamente ligada à ideia de um pluralismo ontológico, acionamos o conceito de participação radical, proposto por Escobar (2020) como uma forma de engajamento que desafia as estruturas de poder pré-estabelecidas, a fim de transformar e reconstruir os sistemas existentes, moldados por paradigmas ocidentais e neoliberais, a partir de perspectivas plurais e descentralizadas.

3. Corporeidade e moda

Sant’Anna (2007) reflete que o corpo de cada sujeito serve de espaço para “teatralização do texto que ele expõe aos seus pares” (Sant’Anna, 2007, p. 20). Para a autora, através dessa exposição-enunciação o indivíduo não apenas expressa como deseja ser visto, mas também elabora em si uma autoimagem que o expresse a partir de como se vê.

Le Breton (1992) vê o corpo como um signo das relações sociais, sendo “o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída”

(Le Breton, 1992, p. 3), permitindo representar tanto a vida individual quanto coletiva. Nesse contexto, o corpo atua como suporte e veículo das emoções. Em diálogo com Sant’Anna (2007), podemos entender que o corpo, por meio da expressividade do vestuário, também se torna veículo da moda, carregando significados e comunicando semioses estabelecidas pelas roupas.

Essa visão encontra eco nas reflexões de Paul Preciado que afirma que o design é uma disciplina que “cria técnicas do corpo” (Preciado, 2013), assumindo um papel fundamental no estabelecimento de sistemas biopolíticos. O ato de configurar um corpo único e preferível é uma atividade inerentemente violenta. Neste sentido, Preciado afirma que as representações de gênero e suas desconstruções são projetadas a partir de dispositivos e medicamentos desenhados para regular ou subverter tais categorias. As normas dos espaços universitários, especialmente as tácitas, são deflagradoras dessas regulações e também gatilhos para as subversões.

Le Breton (1992) destaca a relevância do contexto social e cultural na formação da corporeidade, ampliando essa visão ao abordar a sociologia do corpo. Logo, o autor entende a corporeidade como uma manifestação enraizada em representações simbólicas e culturais, em que o corpo se torna um objeto de ideias e significados compartilhados. Assim, compreende-se como o corpo e seu exercício também são moldados pela sociedade, que impõe normas e comportamentos aos indivíduos, o que não é diferente em espaços acadêmicos.

Para Zarias e Le Breton (2019), o controle do corpo e das emoções nas interações cotidianas sustenta uma visão da sociedade como um organismo coeso, enquanto a diversidade de corpos e suas expressões desafiam essa ideia. Louro (2000) argumenta que nos tornamos conscientes de nossos corpos a partir de um investimento disciplinar imposto a eles, o que nos leva a buscar formas de resistência ou transformação contra as normas que regulam o corpo. Assim, na relação entre corporeidade e moda também há espaço para resistência, no qual o vestir, a depender do contexto social e histórico, pode e deve ser um ato subversivo.

Segundo Zarias e Le Breton (2019), na América Latina, a sociologia do “corpo e das emoções” adota uma abordagem crítica das estruturas de dominação colonial, cujos efeitos ainda perpetuam desigualdades. Maria Lugones (2014) afirma que a colonialidade de gênero limita a expressão dos corpos aos padrões binários patriarcais e coloniais. Para ela, o legado do colonialismo afeta profundamente a experiência do corpo e suas interações com o mundo.

Dessa forma, entendemos que o impacto colonial não repercute apenas a cultura ou as ideias, mas também na forma como os corpos são experienciados e representados, em especial das mulheres não brancas, que

são submetidas por uma dupla violência, da colonialidade e do patriarcado. Diante desse contexto, devemos entender a moda, para além do papel social, histórico e cultural, como um campo essencial de produção do design, visto que o ato de se vestir é, em via de regra, primordial aos indivíduos em sociedade.

Nesse sentido, demanda-se por pesquisas e práticas de design que investiguem possibilidades de construir novas realidades e evidenciar apagamentos daqueles que, segundo Lauretis, (1994) estão à margem dos discursos hegemônicos, pois são nessas obliterações que se encontram as novas possibilidades de construção do gênero.

4. Espaços, acesso, poder e trânsito de corpos

A relação entre o acesso e o trânsito de corpos em diferentes ambientes está intrinsecamente relacionada à forma como os espaços são projetados e vivenciados, relacionando-se, portanto, à corporeidade. Rosa (2022) ressalta que, mesmo após sua construção, os espaços urbanos continuam moldando as relações sociais, reforçando desigualdades e repercutindo dinâmicas de poder. Essa interação entre espaço físico e social revela como as organizações espaciais perpetuam essas dinâmicas, sendo fundamentais para compreender como os indivíduos experienciam os ambientes públicos e privados.

A construção dos espaços urbanos, no entanto, não é democrática. Kawanishi (2020) aponta que fatores históricos e culturais influenciam o acesso e a ocupação desses espaços. O corpo feminino, nesse contexto, sofre constantes violações, como o assédio. Em 2015, pesquisa do Instituto Avon/Data Popular³ revelou que 67% das universitárias de graduação e pós-graduação em todo o país relataram ter sofrido algum tipo de violência (sexual, psicológica, moral ou física) praticada por homens no ambiente acadêmico. Essas agressões afetam não só a integridade das mulheres, mas também moldam sua interação com o espaço urbano, reforçando uma lógica de exclusão e controle que limita sua liberdade de circulação e expressão.

Tais dinâmicas demonstram como as relações de poder e violência impactam a vivência urbana. A análise de Kawanishi (2020) revela que a insegurança leva muitas estudantes do gênero feminino a alterar seus hábitos, inclusive formas de vestir, ao transitar em espaços públicos, mas é válido refletir que esse infortúnio afeta também o transitar de corpos dissidentes

3 Instituto Avon. Data Popular. Violência contra a mulher no ambiente universitário [Internet]. São Paulo: Instituto Avon; 2015. Acesso: 18 de fevereiro de 2025. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Pesquisa-Instituto-Avon_V9_FINAL_Bx-2015-1.pdf

e marginalizados e isso também identificamos em nossos dados, conforme debateremos mais à diante.

5. Metodologia

A presente pesquisa configura-se como aplicada, por objetivar a produção de conhecimentos que permitam a aplicação prática, sendo orientados à solução de problemas reais específicos, situados no contexto em questão. De caráter exploratório, objetiva tornar o problema mais explícito e gerar hipóteses, para aprimorar ideias (Gil, 2002). Quanto à abordagem do problema, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, por buscar a compreensão e interpretação dos fatos (Minayo, 2011).

Em relação aos procedimentos técnicos, o trabalho contou com o suporte de material bibliográfico já existente (Gil, 2002), apoiado na pesquisa de campo para “buscar a informação diretamente com a população pesquisada”, conforme Gonsalves (2001, p.67). Nesse sentido, o experimento ocorreu no dia 06 de dezembro de 2024, com a turma de Projeto Gráfico I, disciplina do quarto período do curso de graduação em Design da UFMA.

Após uma breve apresentação sobre as relações entre design de moda e gênero, foi desenvolvida uma atividade com o auxílio de um dispositivo de conversação, termo proposto pelas designers Anastassakis e Szaniecki (2016). Esses dispositivos são ferramentas de design antropologia transdisciplinar que criam um espaço propício para o imaginário coletivo, estimulando a construção de possibilidades alternativas por meio de artefatos.

Para agir como dispositivos conversação, a pesquisa utilizou as chamadas bonecas de papel (ou *paper dolls*), figuras recortadas em papel, com peças de roupas separadas, também feitas de papel, que geralmente são presas às bonecas por abas dobráveis. Foram disponibilizados corpinhos de papel, sem marcações físicas de gênero, assim como peças de roupas variadas sem informação de cores, e sem qualquer tipo de categorização, e algumas configurações de cabelo. Então, o grupo foi incentivado a representar de forma gráfica as peças de vestuário que constituíam suas aparências ao frequentar a universidade. Para a atividade era necessário elaborar 3 composições de *look* através da boneca de papel, no qual cada *look* deveria responder uma das seguintes indagações: 1) Como visto para vir à UFMA; 2) Como gostaria de me vestir para vir à UFMA; e 3) Como não me vestiria para vir à UFMA.

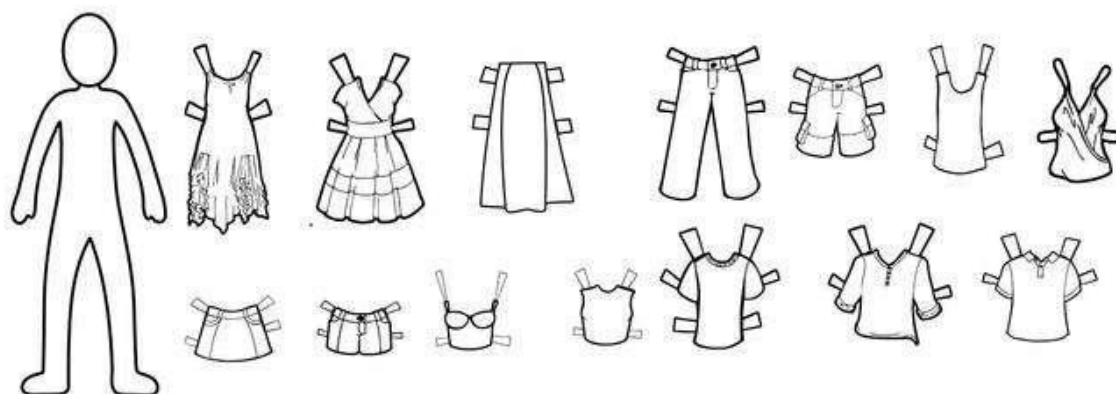


FIGURA 1. Modelo de corpo e roupas impressos e entregues no início da atividade. Fonte: das autoras.

Assim, as pessoas participantes faziam suas escolhas com base nas próprias percepções e crenças, de acordo com cada pergunta respondida. Foi colocada a possibilidade de desenhar novas peças ou até mesmo formatar um novo corpo, que fugisse do molde entregue inicialmente.

Ao todo, 24 pessoas participaram da atividade, mas apenas 20 apresentaram seus desenhos de forma verbal. Os relatos foram gravados em formato de áudio e os desenhos fotografados. A seguir, os resultados serão apresentados e analisados por meio de triangulação intersubjetiva, relacionando a fala das pessoas participantes da pesquisa, as leituras de referência e as considerações das pesquisadoras. A referência às pessoas participantes, nos trechos das falas escolhidas para comporem as análises, será feita de forma numérica de acordo com a ordem das apresentações.

6. Resultados

Os discursos emitidos pelas pessoas participantes possibilitaram as reflexões e, para as análises dos resultados, foram divididas categorias de respostas que refletem padrões recorrentes nos relatos e ajudam a entender as preferências, limitações e motivações que influenciam as escolhas de vestuário.

6.1. Praticidade e conforto

Destaca-se entre os relatos a preferência por roupas práticas e confortáveis, consideradas ideais para a rotina diária e o trajeto até a universidade, geralmente feito de transporte público. Calça e blusa foram citadas como peças simples e funcionais, indicando uma forte preferência. A escolha está ligada à rotina corrida, à falta de tempo e ao trabalho após as aulas, mostrando como a moda atua como facilitadora das atividades cotidianas. Essa

praticidade associada ao vestir remete à função primária do vestuário, a qualidade de cobrir o corpo.

Foucault (1999) define como “corpos dóceis”, aqueles que podem ser facilmente controlados e moldados de acordo com as exigências das instituições sociais. O autor denomina como “disciplina” os métodos que proporcionam o controle minucioso das atividades do corpo, colocando-o sob constante posição a uma relação de docilidade-utilidade. Seguindo a lógica do autor, podemos concluir que essas normas sociais sobre o uso do vestuário de forma prática e simples caracterizam-se como uma forma de disciplina, atuante sobre o corpo e a mente dos indivíduos, a fim de torná-los não apenas dóceis, mas também úteis diante do prisma do capitalismo.

Esta visão é corroborada por Sant’Anna (1995), que condiciona a “subjetividade moderna ao desenvolvimento de uma objetividade cotidiana: aquela do cálculo matemático que fornece a medida e o significado de cada gesto e de cada palavra” (op.cit, 1995, p.246). O corpo, o vestir e os modos de ser são cooptados pela lógica do funcionamento de uma máquina, organizado, perfeito e objetivo, que se relaciona a esta facilidade no vestir-se.

A sensação de conforto também está relacionada à interação do corpo com o ambiente e a percepção de adequação associada ao espaço universitário. Quando indagado sobre o *look* que não vestiria para a universidade, um estudante apontou que não iria de bermuda curta e regata, entretanto justificou:

“Eu acho bem desconfortável para mim. Eu uso fora daqui, mas pro ambiente da universidade, não.” (Participante 16, 2024)

evidenciando como a noção de conforto e desconforto não está apenas intrinsecamente ligada às características do produto de moda, como propriedades do tecido ou modelagem, mas também à sua circulação nos espaços.

6.2. Percurso até a universidade

O trajeto para a universidade foi citado por diferentes motivos, entre eles a necessidade de praticidade e conforto, visto anteriormente, e a percepção de insegurança, vivenciada principalmente por parte das mulheres. Ao apresentar o *look* com o qual gostaria de ir à UFMA, uma aluna relata:

“Eu acho que com roupas que tenham mais sobreposição também e, tipo, de estampas legais e tal. Mas eu venho com mais blusas básicas mesmo, bem lisas, porque normalmente elas também são mais baratas, e são muito mais confortáveis, e shortinho, mas eu não venho muito de short, porque eu venho de ônibus também e também por causa da do frio da sala. Então eu acho que não, não é muito legal vir de short.” (Participante 9, 2024)



FIGURA 2. Desenhos da participante 9, para as perguntas 1 e 2. Fonte: das autoras.

Kawanishi (2020) demonstra como o direito social ao transporte e o de ir e vir das mulheres são violados em um sistema patriarcal que as vulnerabiliza frente à violência sexual. Usuárias de transporte público, por exemplo, têm seu direito à cidade afetado pelo assédio. A autora mostra que o medo e a insegurança restringem horários, roupas e trajetos, levando mulheres a limitar sua mobilidade. A objetificação de seus corpos inibe atividades cotidianas, evidenciando como o assédio no transporte público reforça a desigualdade de gênero, ceifando seu direito à cidade e o livre deslocamento. Um exemplo claro disso é demonstrado na fala de uma aluna, ao responder sobre o *look* que gostaria de usar para ir à UFMA:

“A (roupa) que eu gostaria de usar, mas não uso é um vestido, um vestido mais curto, porque eu tenho poucas peças assim. E também porque eu acho que eu não me sentiria muito segura vindo de ônibus com um vestido mais curto. Acho que não seria tão seguro para mim que sou mulher.” (Participante 5, 2024).



FIGURA 3. Desenhos da participante 5, para as perguntas 1 e 2. Fonte: das autoras.

Por fim, a pesquisa de Kawanishi (2020) aponta a importância de estudar o direito à cidade relacionando-o à questão de gênero a partir da vivência de mulheres que precisam do transporte público para se deslocar. Conforme conclusão da autora, o ideal é a construção de um planejamento urbano que considere o olhar das mulheres, e para isso é válido ressaltar a importância dos processos participativos de design, a fim de melhorar a mobilidade urbana e o acesso à cidade, garantindo direitos com maior segurança.

Sant’Anna (1995) menciona o caráter civilizador imposto aos corpos, e esse aprendizado e cuidado relativo ao que se deve vestir torna o cuidado da prevenção ao assédio como responsabilidade da pessoa com risco de ser assediada, e não como conduta civilizada do assediador. Nas palavras da autora “Governar o próprio corpo é condição para governar a sociedade. O controle sobre o corpo é, portanto, indissociável da esfera política.” (op.cit, 1995, p. 245). Assim, podemos aferir que uma “conduta correta”, civilizada é o reflexo de uma sociedade que protege o assediador, e condiciona as vítimas da violência em potencial ao cuidado e resguardo, perante o risco de serem assediadas por suas roupas.

Apesar dos relatos em relação a insegurança no transporte público terem surgido das participantes mulheres durante a atividade, é necessário pontuar que outros grupos minoritários também estão suscetíveis à sofrer violência de gênero em espaços públicos, como pessoas trans, mulheres travestis e, até mesmo, pessoas cisgêneros que fogem das normas sociais heteronormativas.

6.3. Adequação e inadequação ao espaço universitário

Alguns participantes citaram preferir não usar roupas consideradas excessivas, com exagero de informações ou “inadequadas” para o ambiente acadêmico. A inadequação, nesse caso, foi retratada pelo uso de peças curtas, justas, decotadas ou muito chamativas, sob justificativa de que não são apropriadas para o contexto da universidade. É pertinente colocar que parte das pessoas que participaram fizeram questão de evidenciar que não possuem “nada contra” quem usa peças como as citadas acima, mas que pessoalmente o uso delas geraria sensação de inadequação e, portanto, causaria desconforto.

A sensação de inadequação é moldada por influências culturais e pelas expectativas sociais impostas aos estudantes, que se preocupam com sua imagem. A necessidade de estar alinhado com o ambiente acadêmico, evitando roupas “extravagantes” ou “inadequadas”, foi mencionada, assim como a preferência por peças “discretas”. Butler (2003) aponta que a simplicidade associada a certos papéis de gênero reflete conformidade às expectativas sociais. Para ela, desconstruir esses estereótipos permite uma visão mais complexa das relações de gênero. A seguir a fala de uma participante que faz alusão à essa compreensão de inadequação:

“E a roupa que eu não usaria na universidade, é de chinelo, porque a minha mamãe não me deixa sair assim de casa, ela diz que é feio. Não usaria short curto. Não porque eu não me sinto segura, só não acho bacana mostrar muito o corpo em um espaço de educação, e o mesmo vale para, como é que é o nome? Esqueci. Decote! E cropped. Não usaria. É pessoal, também não julgo quem usa, só não usaria.” (Participante 6, 2024).

Parte do relato chama a atenção por estar relacionado a um entendimento de um familiar da participante, demonstrando como a definição da imagem pessoal também é atravessada por crenças familiares, sendo a família um ciclo social significativo do indivíduo. A fala também evidencia a existência de um código pessoal do que é considerado adequado para o ambiente universitário, apesar de não haver uma norma regulamentar sobre vestuário na universidade em questão. Nesse caso, pode-se inferir que tal concepção, apesar de ser tida como “pessoal” também é socialmente construída, baseada em valores culturais, sociais e até mesmo religiosos de cada indivíduo.

6.4. Desejo de estar mais arrumado

Alguns estudantes manifestaram o desejo de se vestir de maneira mais “elaborada” ou estilosa, para se sentirem mais bonitos e confiantes, mas as condições práticas como a rotina, o calor local, a falta de recurso financeiro e até

a receptividade das pessoas dificultam o processo. No geral, eles preferem utilizar roupas mais elaboradas para ocasiões especiais ou para se sentirem mais apresentáveis, mas fora do ambiente acadêmico, e até citam guardar as roupas mais “arrumadas” para essas situações.

Esse desejo por estar mais arrumado frequentemente foi relatado nas narrativas sobre o segundo *look* “Como gostaria de vir para a UFMA”, tornando-o uma representação da melhor forma de expressão do estilo de cada um ou do estilo desejado, mas que por algum obstáculo acaba não se concretizando, e às vezes até se concretiza, porém em ambientes considerados mais favoráveis. Em relação a ausência de recurso financeiro, um aluno declara:

“Aqui eu peguei um terno, porque eu nunca usei [...] Aí eu fui para algo que normalmente eu não usaria, porque eu não tenho grana para comprar isso. Eu acho estiloso, acho bonito, eu tenho vontade de usar alguma vez, mas, é o calor e falta de grana para usar” (Participante 19, 2024).

Foi mencionado por alguns participantes da atividade que suas escolhas de roupas refletiam também suas identidades e preferências pessoais, o que faziam se sentir mais representadas, mas a aceitação social se mostrou um fator determinante para a delimitação dessas escolhas. A diferenciação entre o *look* habitual e o ideal foi algo bem esteticamente visível em alguns desenhos. Como no caso da participante que proferiu o seguinte relato:

“Esse aqui é o que eu uso. Eu uso esse porque é mais fácil, é confortável, é barato e combina com qualquer ocasião. Esse aqui é como eu gostaria de me vestir, que na verdade são roupas que eu tenho em casa, mas eu não uso em qualquer lugar. Eu gostaria de usar todo dia uma peruca diferente, eu tenho uma coleção de peruca. Eu gostaria de usar botas que eu amo, botas de todos os tipos, todos tamanhos, todos os modelos.” (Participante 18, 2024)

Quando questionada sobre o motivo de não usar as botas a aluna continua:

“Porque primeiro que bota é muito caro e não cabe em qualquer ocasião. A pessoa chama muita atenção. Esse *look* chama muita, muita, muita atenção, só que de uma forma mais estranha. E aí, também é muito caro e não é fácil vestir assim não, demora um pouco de tempo para se montar desse jeito, não é tão prático.” (Participante 18, 2024).

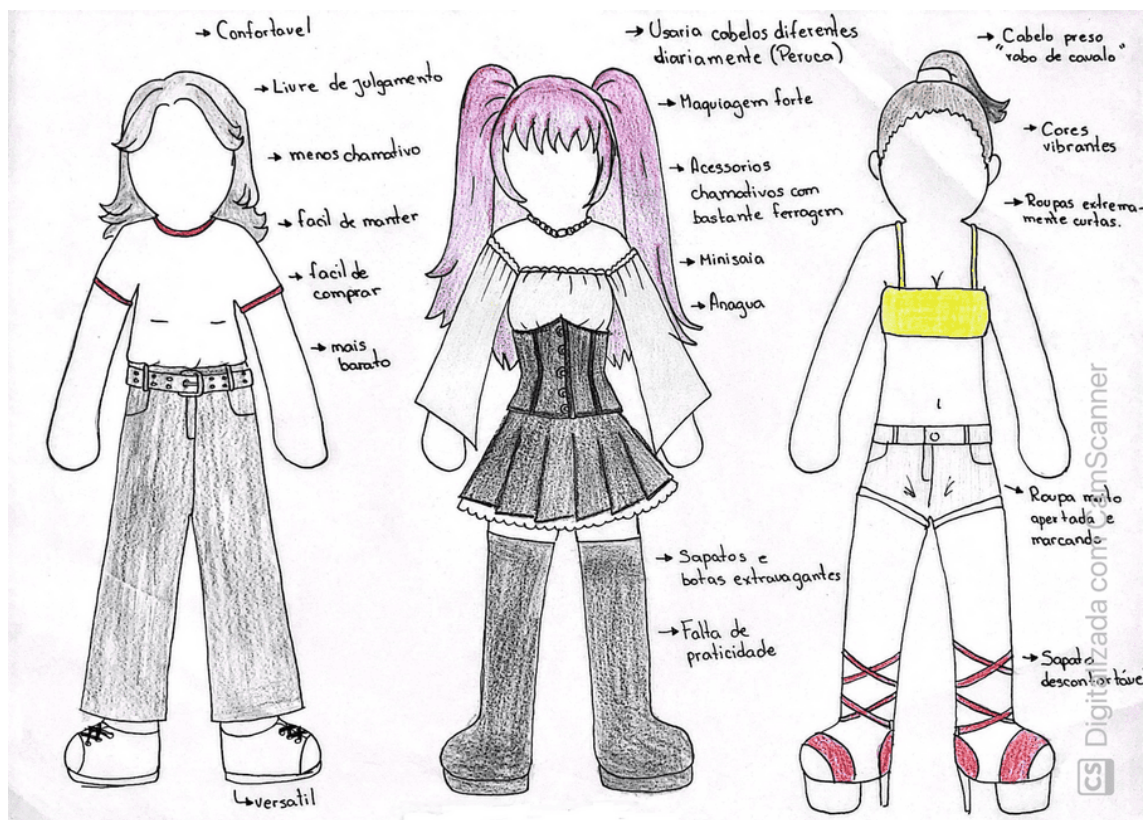


FIGURA 4. Desenhos da Participante 18, para as perguntas 1, 2 e 3. Fonte: das autoras.

Sobre o *look* para a pergunta de número 3, presente na imagem acima, a Participante 18 comenta:

“E aí vai para o último, que chama atenção, mas por ter pequenas roupas e vibrantes, eu detesto roupa com cor muito vibrante e assim, que chama muita atenção. Só que como ele é muito pequeno, chama atenção de uma forma mais sexualizada, então esse aqui chama atenção, mas de um jeito estranho e esse aqui de forma sexualizada, e esse aqui me incomodaria muito mais. [...] Um sapato muito desconfortável. E eu coloquei aqui, é um sapato bem grande, que seria tipo um sapato de pole dance, não conseguiria usar, então descartado.” (Participante 18, 2024).

A jovem vê a sexualização de seu corpo como causa de seu desconforto, mas também reproduz um estereótipo ao associar saltos vermelhos ao *pole dance*. Bourdieu (1989) afirma que a organização social e as relações de poder influenciam as escolhas e ações dos indivíduos. Para ele, as decisões pessoais são moldadas por condições externas, como restrições históricas e culturais que impactam a ordem de gênero e perpetuam desigualdades sociais.

A fala sobre as perucas, citada anteriormente pela Participante 18, deixa explícito como a constituição da aparência individual vai além da roupa, o que pode ser percebido através dos desenhos dos participantes de cabelos e penteados diferentes elaborados, e alterações estéticas citadas, como *piercings* e tatuagens. Até mesmo características físicas naturais do corpo como pelos e olheiras foram citadas, como no caso da Participante 9, em sua representação de como não iria para a universidade. Sobre o desenho ela relatou:

“Como eu não viria para a UFMA, seria toda desarrumada, eu toda doida, com uma blusa rasgada, um short bem curto e bem apertado. Com crise de alergia, meu nariz todo lascado, eu acho que eu não viria assim com meu cabelo todo bagunçado também.” (Participante 9, 2024)



FIGURA 5. Desenho apresentado pela Participante 9, para a pergunta 3. Fonte: das autoras.

Ao ser indagada sobre os pelos corporais retratados no desenho, a participante comenta:

“Ah, então [...] não é que é errado as pessoas não depilarem, mas é porque é uma questão minha. Eu mesma não gosto porque eu sou bastante, aí não me agrada, não dá uma sensação confortável” (Participante 9, 2024)

Apesar da aluna ter associado o desconforto à uma reação fisiológica do corpo, o suor, a declaração sobre ser é uma questão “sua”, não a exime das influências externas. Para Bourdieu (1993) os gostos e as escolhas individuais

não são apenas produtos de valores e códigos pessoais, mas também são permeados pelo contexto e por hierarquias sociais, nesse caso, novamente é possível fazer uma alusão ao sistema patriarcal o qual estamos inseridos, que reverbera padrões de beleza e imposições estéticas aos corpos femininos.

6.5. Violência de gênero e insegurança

Evitar roupas curtas, como cropped e shorts muito curtos, devido à sensação de insegurança ou desconforto foi uma resposta constante entre os relatos das alunas. Algumas mencionaram não se sentir seguras usando certos tipos de roupa, como vestidos, saias e shorts curtos, cropped ou roupas mais decotadas, especialmente no transporte público, como já abordado anteriormente. Não se sentem à vontade utilizando roupas que exponham muito o corpo e por isso evitam utilizá-las.

Algumas alunas relatam o uso de roupas mais cobertas na tentativa de manter uma imagem mais discreta, mas é importante pensar sobre qual tipo de “atenção” essas mulheres não querem receber e sobre quais olhares elas esperam passar despercebidas. Sobre o *look* que gostaria de usar para ir à UFMA, uma aluna revela a resposta para a reflexão:

“A que eu usaria seria short e camiseta, mas eu não uso porque as salas estão bastante frias. E também porque existem homens.” (Participante 2, 2024).

A existência de homens para a participante é um fator condicionante negativo para suas escolhas de vestuário, o que corrobora com a sensação de insegurança já citada anteriormente.

Kawanishi (2020) afirma que a violência de gênero atinge principalmente pessoas do sexo feminino, em forma de abuso físico, psicológico e assédio sexual. A autora esclarece que em uma sociedade patriarcal essas manifestações foram toleradas e naturalizadas, colocando a violência contra uma mulher como ato instintivo por parte do homem e culpabilizando a vítima, “seja pela roupa que vestia, pelo lugar e horário em que estava, etc.” (Kawanishi, 2020, p. 37). Conforme a autora, as representações patriarcais sobre o corpo feminino consideram esse corpo objeto ou público, tornando-o objeto de desejo.

Entretanto é necessário pensar sobre as lógicas de poder presentes na sociedade, uma vez que a idealização de supremacia masculina confere a dominação dos corpos femininos, e não apenas corpos biologicamente femininos, mas corpos que representam a ideação de feminilidade. Kawanishi (2020) afirma que essas manifestações culturais comprovam que a violência contra corpos de mulheres não está relacionada às roupas que as vítimas

vestiam no momento da violência, portanto, se faz necessário romper com essa conexão entre a roupa e a violência.

A resposta mais comum à questão “Como eu não viria para a UFMA” foi bastante similar entre a maioria das participantes, e corresponde à blusa curta ou *cropped* + *shorts* ou saia de comprimento curto. O curioso é que mesmo alguns discentes do gênero masculino também responderam com peças de características similares, o que pode ser explicado, conforme Dias (2015), devido a visão que a hierarquia de gênero perpassa, fazendo com que a feminilidade, e tudo a ela associado, seja vista como inferior.

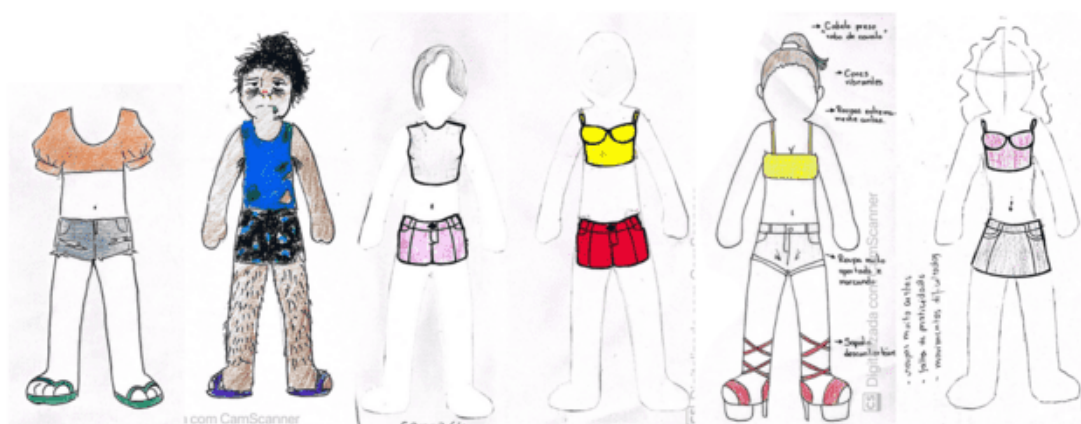


FIGURA 6. Desenhos que representam a resposta para a pergunta 3, das participantes 6, 9, 13, 17, 18, 20 e 23. Fonte: das autoras.



FIGURA 7. Desenhos que representam a resposta para a pergunta 3, das participantes 1, 5, 20 e 22. Fonte: das autoras.

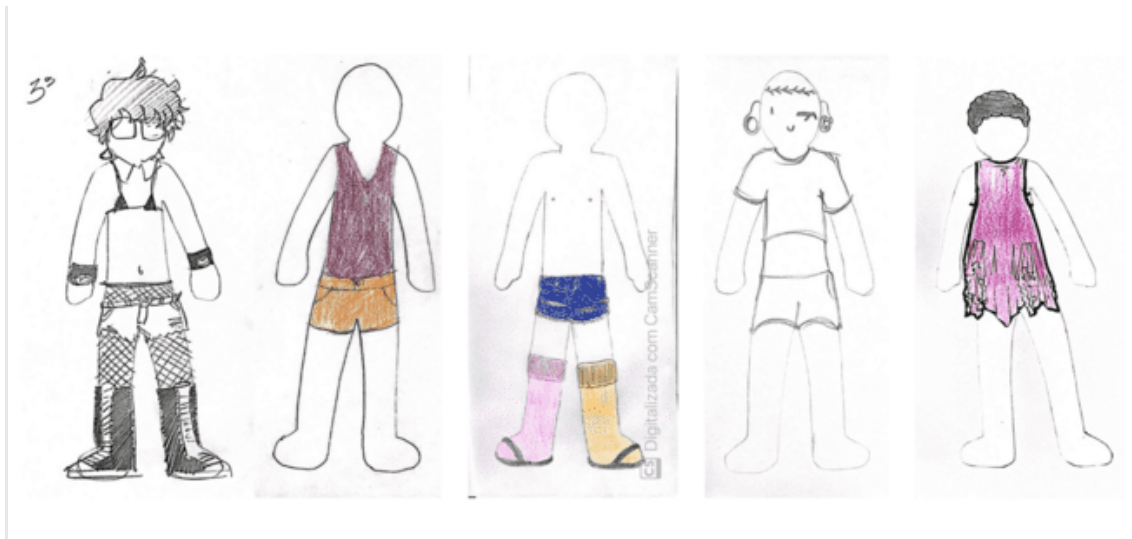


FIGURA 8. Desenhos que representam a resposta para a pergunta 3, das participantes 10, 16, 19, 15 e 8, todos do gênero masculino. Fonte: das autoras.

A partir das respostas para a questão sobre o look que os participantes usam para ir à universidade, é possível perceber que a calça e a camiseta são consideradas as peças que mais transmitem segurança, enquanto às peças de roupa que transmitem insegurança, são as peças curtas. Logo, o ato de esconder o corpo é aplicado como uma estratégia de proteção contra possíveis violências, que infelizmente não garantem sua proteção, pois a questão nunca foi ou será a roupa.

7. Considerações finais

Através da presente pesquisa foi possível compreender que as preferências de moda do grupo discente que participou do experimento são um reflexo de suas relações sociais, que moldam suas crenças e perpassam por suas escolhas individuais. Além disso, se observou que a relação com os produtos de moda atende a diferentes objetivos, como a busca por conforto, praticidade, sensação de segurança ou expressão pessoal, conforme a realidade vivenciada pela pessoa. Diferentes corporeidades e posicionalidades demandam diferentes estratégias de resistência para ocupação de espaços, aplicadas também através do vestuário.

Essas dinâmicas também se diferem conforme cada estudante vê o corpo e como o corpo é visto nos espaços universitários. Sant'Anna (1995) expõe que a subjetividade, presente em toda a extensão de um ser, está também em todos os momentos de seu cotidiano e em suas relações sociais. Para a autora, em uma época em que se torna essencial promover a relação entre os indivíduos, é preciso “construir novas epidermes protetoras e informantes entre o mundo natural e a cultura.” (op.cit, 1995, p.258). A autora discute a

tentativa de criar uma mediação entre o corpo, o ambiente e outros corpos, em que o objetivo seja gerar aproximação em vez de afastamento.

É nesse sentido que propomos esse experimento como uma alternativa para fomentar diálogos com o “corpo discente”. É válido ressaltar que a turma participante de Design, um curso originado do Desenho Industrial, está inserida no contexto do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da UFMA, o que reflete a predominância do gênero masculino, também influente nos dados obtidos, como insegurança e desconforto. Embora a pesquisa tenha ocorrido de forma pontual nesta turma, ela forneceu dados relevantes e pode ser replicada em outros contextos da instituição, gerando novos dados.

Tais dados seriam capazes de promover o mapeamento mais profundo e mais consistente dessas relações, entre o vestir, a corporeidade da comunidade estudantil e a ocupação do espaço universitário, analisados por uma perspectiva de gênero, para gerar políticas institucionais que busquem ampliar a segurança e autonomia do “corpo discente”, em especial de grupos marginalizados.

Referências

ALCOFF, L. M. *Visible identities: Race, gender, and the self*. Oxford University Press, 2006.

ANASTASSAKIS, Z.; SZANIECKI, B. *Conversation Dispositifs: Towards a Transdisciplinary Design Anthropological Approach*. Em: SMITH, R. C. et. al. (Orgs), *Design Anthropological Futures*. London: Bloomsbury, 2016. p. 121-138.

BOURDIEU, P. **A gênese dos conceitos de habitus e de campo**. In: O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989. p. 59-73.

_____. *La distinción*. Madrid: Taurus, 1993.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DIAS, J. **Publicidade de menino e publicidade de menina: a representação de gênero na publicidade infantil**. São Paulo: Universidade Federal Fluminense, 2015.

ESCOBAR, A. *Autonomía y diseño. La realización de lo comunal*. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

_____. **Contra o terricídio**. 2020. Palestra principal da *Participatory Design Conference 2020* - Manizales (Colômbia) Traduzido por Maria Cristina Ibarra. Disponível em: <https://l1nq.com/KmZlP>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2025.

_____. *Pluriversal politics: The real and the possible*. Duke University Press, 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: o nascimento da prisão. 20ª ed. São Paulo: Vozes, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

KAWANISHI, J. Y. *et al.* **Seu corpo não é passagem**: a limitação do direito à cidade para as mulheres em decorrência dos assédios sofridos no transporte público coletivo no município de Ponta Grossa – PR. 2020.

LAURETIS, T. de. **A tecnologia do gênero**. In: *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LE BRETON, D. **Anthropologie du corps et modernité**. Paris: PUF, 2001.

_____. **La sociologie du corps**. Paris: PUF, 1992.

LOURO, G. L. **Pedagogias da sexualidade**. In: Guacira Lopes Louro (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Autêntica, 2ª Edição. Belo Horizonte, 2000.

LUGONES, M. **Rumo a um feminismo descolonial**. In: *Revista estudos feministas*, v. 22, p. 935-952, 2014.

MEDEIROS, I. P. de A. *et al.* **Design, gênero e prototipação de políticas institucionais de gênero na Universidade Federal do Maranhão**. 22º Congresso Nacional Redor, 2024.

MELO, T. S. **Democratização do Ensino Superior**: acesso e permanência de estudantes quilombolas na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – UFBA.

MINAYO, M. C. de S. **Análise qualitativa**: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 621-626, 2012.

NASCIMENTO, R. G. do. **A universidade não está preparada para a diversidade**: racismo, universidades e povos indígenas no Brasil. *Universidades*, Núm. 87, DUAL, 2021.

PRECIADO, P. B. *Testo Junkie: Sex, Drugs, and Biopolitics in the Pharmacopornographic Era*, The Feminist Press at CUNY. New York, 2013.

ROSA, I. B. **Poder em trânsito**: Sobre mulheres em espaços públicos. 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto (Portugal).

SANT'ANNA, D. B. de. **Corpo e história**. Cadernos de subjetividade. Núcleo de estudo e pesquisa da subjetividade – Programa de estudo de pós-graduação em psicologia clínica – PUC/SP, 1995 (2), p. 243-266.

SANT'ANNA, M. R. **Teoria de moda**: sociedade, consumo e imagem. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

ZARIAS, A; LE BRETON, D. **Corpos, emoções e risco**: vias de compreensão dos modos de ação individual e coletivo. *Sociologias*, v. 21, n. 52, p. 20-32, 2019.

Como referenciar

COSTA, Naissa Silva; NORONHA, Raquel. Moda e corporeidade no espaço universitário: criando diálogos com o “corpo discente” por meio do design participativo. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, pp. 233-254, jan./2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2025.90339>

Copyright © 2025 Naissa Silva Costa, Raquel Noronha



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Recebido em 05/03/2025 | Aceito em 05/05/2025